A Conjuração Baiana de 1798

MARCELO LINHARES (*)

"A revolução articulada na Bahia e descoberta[1] em 1798 mas não foi que o último marco da inquietação nacionalista que encheu todo o século XVIII, nessa transitoriedade histórica que atingiria o ápice na revolução pernambucana de 1817".[2]

Affonso Ruy, in A Primeira Revolução Socialista Brasileira.

Todo o século XVIII foi, no Brasil, de luta declarada contra os colonizadores.

Ao alvorecer do século, em 1705, explodiu a luta de Olinda – "asilo da aristocracia pernambucana" – e Recife – "reduto português – quando a elite rural de Olinda oferecera resistência aos mercadores do Recife de ascenderem ao governo. Sob o pretexto de fazer cumprir a provisão real que a tal proibia, os olindenses saquearam e mataram.

Fica claro que o espírito de nacionalidade já se havia formado.

Em 1711, foi a vez da Bahia agitar-se em reação às taxas fiscais impostas sobre todos os gêneros de importação. Em 17 de outubro, a população amotinada depredou as casas comerciais dos portugueses e, sob a chefia de João de Figueiredo Costa, alcunhado o *maneta*, saqueou diversas casas. O governador Pedro Vasconcelos, recém-chegado, teve de se valer do prestígio do governador resignatário, D. Lourenço Almeida, que, em nome de seu sucessor, prometeu retirar as taxas.

Em 1720, o grito de revolta dos mineiros, em Vila Rica, conseguiu a supressão de medidas econômicas que pleiteavam.

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

[1] Affonso Ruy, na *Primeira Revolução Social Brasileira*, Brasiliana, 1942.

> *"A esse tempo falecera D. João V e terminara o reinado dos monsenhores da patriarcal e das freiras de Odivellas, deixando o reino de ser uma confraria de sacristães".* [2]

Sucede-lhe D. José I e com ele o marquês de Pombal que promove medidas de liberalismo, fazendo deter o nativismo em ação.

Mas, em seguida, reação clerical se faz mais furiosa sob o reinado de D. Maria I – que passou a história como a *louca* – e, em seu nome, as maiores atrocidades foram consumadas.

Na colônia as leis reinós passaram a ser aplicadas com exagerada severidade. Desejavam neutralizar, pelo terror e pela violência, novas agitações. O governo mostrava-se incapaz de estancar as reivindicações do povo, imbuído de idéias reformadoras e liberais.

Por isso, em 1789, as pretensões dos inconfidentes visavam menos a redução dos tributos e mais os meios de conseguir a libertação do País. A Coroa respondeu com uma punição espetacular que visava mais a ser uma advertência para o futuro.

Os nativistas baianos já haviam sentido a necessidade de uma organização em torno da qual fosse possível uma arregimentação de forças para o fim almejado.

Sob a inofensiva aparência de sociedades literárias as associações secretas chegaram ao Brasil. Affonso Ruy diz: "...deixando, entretanto, um forte traço exterior por que pudessem ser identificados os seus fins".[3]

Em 1759, diz a história, fundou-se na Bahia a *Academia dos Renascidos*, tendo como emblema uma fênix fitando os céus e como divisa *Multiplicabo dies*, e sob o patrocínio do governador.

Socorramo-nos, ainda, de Affonso Ruy:

> *"Além desse símbolo externo, tão característico das lojas maçônicas, qual seja a fênix, outro, bem eloqüente do traço da finalidade reacionária da* Academia, *se revela na proclamação de Sebastião de Carvalho, depois Marquês de Pombal, chefe reconhecido da Maçonaria em Portugal, como o seu Mecenas. Essa*

[2] Manoel Arão, in *História da Maçonaria no Brasil*, Recife, 1926, p. 99.

[3] Affonso Ruy, in *A Primeira Revolução Social Brasileira*, ed. Brasiliana, 1942, p. 35.

> *associação é que podemos tomar como ponto de partida da arregimentação maçônica no Brasil, atendendo ao simbolismo de suas armas, à eloqüência de sua divisa, ao aparato das suas reuniões e à proclamação suprema do seu chefe".*[4]

Acrescenta ainda o mesmo autor:

> *"Mesmo que dúvidas se possam levantar da atividade reservada da* Academia dos Renascidos, *antes de 1789, já funcionavam células secretas, visando a reforma social do Brasil. Felício dos Santos, como outros historiadores, afirma que Tiradentes iniciou o seu apostolado após a viagem que fizera à Bahia, onde ficara senhor dos segredos desse trabalho".*[5]

Manoel Arão, acentuando a formação da nacionalidade brasileira, nos dá a conhecer:

> *"Na colônia, revolução dos espíritos se acentuava e se preparava para maiores feitos. A alma da nacionalidade adquiria tempera, enquanto a independência norte-americana lançava uma súbita luz nas consciências que começavam, cada dia, a ver mais claro o problema de seus destinos. Os patriotas que traziam as idéias de Coimbra e Montpellier, os grandes focos científicos da época, fundiram-se e condensaram-se".*[6]

Tudo prenunciava o declínio colonial. Dos diversos movimentos que abalaram o País, destacaram-se três conspirações: a Conjuração Mineira, que se tornou conhecida como a Inconfidência Mineira, a Conjuração Baiana – por alguns chamada de a *Revolta dos Alfaiates* – e a Conjuração do Rio de Janeiro, a menos conhecida das três, cujo objetivo era a conquista da Independência. A Conjuração Baiana, entretanto, diferentemente da Mineira e da do Rio de Janeiro, é a primeira em que realmente se engajam setores diversificados do povo brasileiro.

*
* *

[4] Afonso Ruy, in *A Primeira Revolução Social Brasileira*, ed. Brasiliana, 1942, p. 36.

[5] Afonso Ruy, in *A Primeira Revolução Social Brasileira*, ed. Brasiliana, 1942, p. 36.

[6] Manoel Arão, in *História da Maçonaria no Brasil*, Recife, 1926, p. 102.

Após a vitória da Revolução Francesa, a maçonaria daquele País - vale dizer, a do Grande Oriente de França - passou a ampliar a sua presença no Brasil. É a presença da chamada por alguns de *Maçonaria Vermelha*.

O Brasil, sob a influência das idéias enciclopedistas daquele século, vivia sob uma grande agitação humana. Serviam-se os patriotas brasileiros desse movimento emancipador de que a França tomava a dianteira.

A Bahia era, então, a região mais próspera do Brasil. Essa era a opinião de José Antônio Caladas, em sua *Notícia Geral*, de 1759, de Agassiz, em *Viagem ao Brasil, de 1865-1866*.

Por volta de 1796 ou 1797 - há divergência de ano e mês por parte dos historiadores - chegou a capital baiana o Comandante Larcher. Alguns dizem que ali aportara na sua fragata *La Preneuse*, o que não parece aceitável para Melo Morais [8] pois, na ocasião, a França oferecia paz a Portugal. Para outros, chegou com a mulher e alguns outros elementos de sua fragata, como passageiro do navio espanhol *Boa Viagem*.

O Governo deu a cidade como *menagem* a Larcher e destacou para ser seu vigilante o tenente Hermogenes Francisco de Aguilar, do 2º. Regimento de Artilharia.

Larcher em pouco tempo já mantinha aproximação com figuras proeminentes da cidade com quem "abordava, como desconfiado intelectual, a filosofia dos enciclopedistas e as suas novas teorias políticas".

Na Casa do farmacêutico João Ladislau de Figueiredo Melo, na Barra, em serões sigilosos, eram encontrados

> *"o Padre Francisco Agostinho Gomes, homem riquíssimo e o espírito mais iluminado da cidade pelo saber, e cientista de renome, conhecedor profundo do inglês e francês e que, possuidor de vasta biblioteca, era um ledor infatigável e a par de todo o movimento científico do mundo; José da Silva Lisboa, sociólogo e economista notável, recém-vindo da Corte, austero, preso já ao Grande sonho da evolução comercial da Colônia, sonho*

[8] Melo Morais, in *Memórias Históricas do Brasil*, vol. 2º., pág. 91.

> *que em 1808, vê realizado; Inácio Siqueira Bulcão, remanescente da aristocracia agrária, misto de bandeirante e nobre, senhor de engenhos no Recôncavo, onde, tradicionalmente, conservava a direção d a clã, disseminada pelas terras maravilhosas que se estendiam de Santo Amaro ao Iguape, celeiro da cidade; Cipriano de Almeida Barata, cirurgião hábil, talentoso e de grande popularidade pela simpleza do trato e piedosa assistência aos pobres, patriota ardente, tornando-se, por isso mesmo, figura destacada de todos os movimentos sediciosos de seu tempo; Francisco Moniz Barreto, professor de retórica em Minas do Rio das Contas, distrito de Jacobina, centro de mineração e o núcleo mais populoso do interior; o tenente Hermogenes de Aguilar Pantoja, do 2º. Regimento pago, cujo entusiasmo e afeição pelo seu vigiado lhe valeram uma repressão pública do Governador, por tentar banquetear a Larcher".*[9]

É interessante que se tenha presente ser a situação da Bahia, pela insubordinação da tropa e pelos pronunciamentos dos centros mineradores, propensa a ensejar uma revolta capaz de lograr a implantação de uma república como da América do Norte.

Crê-se, além disso, haver sido na própria casa de Figueiredo Melo onde se instalou a Loja Maçônica *Cavalheiros da Luz*, sob os auspícios do Grande Oriente de França.[10]

Affonso Ruy, emprestando a sua autoridade de membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, nos dá a sua opinião, quando diz:

> *"Foi, sem dúvida, essa agremiação a mentora do movimento que se processou em favor do separatismo, desenvolvido com inteligente amplitude de ação, fora do âmbito social, mas através dos seus associados e estes por agentes de sua confiança, num trabalho que pareceria isolado, mas que obedecia a um programa de antemão organizado".* [11]

A distribuição de livros franceses, traduzidos e copiados para melhor disseminação, foram valiosos para a obra de catequese. Na

[9] Affonso Ruy, in *A Primeira Revolução Social Brasileira*, Brasiliana, 1942, págs. 65 e 66.

[10] Mário Verçosa, in *Registros Maçônicos*, Manaus, 1985, pág. 46.

[11] Affonso Ruy, in *A Primeira Revolução Social Brasileira*, Brasiliana, 1942, pág. 67.

tropa, foi completo o apoio às idéias de independência. No decorrer do processo, uma testemunha, em depoimento, informa haver todo o 2º. Regimento aderido à revolução. Havia sido habilmente trabalhado pelos Tenentes José Gomes de Oliveira Borges e Hermogenes Francisco de Aguilar, o último vigilante que era do Comandante Larcher.

Affonso Ruy, de cuja opinião temos amiúde nos socorrido, dá a conhecer:

> *"Igual sucesso lograra a infiltração entre os homens de cor, de humilde situação social, aguçadas as ambições aos cargos e posições pelo desejo de romper a pressão do domínio português que os impossibilitava de ascender à esfera superior da Sociedade".*

E acrescenta mais:

> *"Com virulência, o germe revolucionário insinuou-se por entre artífices e servidores das profissões liberais, sujeitos à prepotência do governo e da corja fiscal; resvalou para as senzalas através das crias de estimação das casas afidalgadas das cidades, serpenteando, com emissários, nos engenhos fronteiriços e irradiando-se, levados pelos comboios, pelas zonas dos sertões e das minerações".*[12]

Pela propaganda foi o movimento disseminado de tal sorte que os dirigentes já não conseguiam controla-lo.

"Cipriano Barata, que dirigia o movimento de rua", - quem assim diz é Affonso Ruy - "agitador trepidante e entusiasta procurou refrear os seus asseclas, ora aconselhando desistência do movimento, ora paciência para que, com o tempo, amadurecessem os planos, aumentassem o número de adesões, tomando, destarte, mais certa , a vitória da Revolução. Debalde".[13]

Pelo exemplo de coragem, firmeza e incansáveis na pregação junto aos seus companheiros, sobressaiam-se: João de Deus Nascimento e Manuel Faustino Santos Lira, alfaiates, e Luiz Pires,

[12] Affonso Ruy, in *A Primeira Revolução Social Brasileira,* Brasiliana, 1942, pág. 68.
[13] Affonso Ruy, in *A Primeira Revolução Social Brasileira,* Brasiliana, 1942, pág. 69.

oficial lavrante; na tropa, entre a soldadesca, apareceram Lucas Dantas e Luiz Gonzaga das Virgens.

Não faltou, à semelhança da Inconfidência Mineira, uma figura que ninguém viu e que todos falavam, de "um oficial inglês coxo de uma perna" que teria sido hóspede do sargento Joaquim Antônio da Silva, um dos conjurados; aberta a devassa, não foi esclarecido o por que de sua presença na Bahia e nem foi objeto de indagação no interrogatório a que foi submetido o dito sargento, hospedeiro do misterioso inglês.

*
* *

Na manhã de 12 de agosto de 1798 apareceram afixados em vários pontos da cidade de Salvador alguns boletins provocativos ao Governo. Num deles, por exemplo, dizia:

> *"Animai-vos Povo Baianense que está para chegar o tempo feliz da nossa Liberdade: o tempo em que todos seremos irmãos: o tempo em que todos seremos iguais".*
>
> *O primeiro detido foi o alfaiate João de Deus do Nascimento que, para fugir à punição, simulou demência. Em perícia definida, ficou evidenciada a simulação e foi imediatamente encarcerado. Em 10 de setembro, todavia, prestou detalhadas declarações.*

Braz do Amaral, esclarece dizendo:

> *"No movimento baiano sente-se a influência da França revolucionária até na linguagem convencional usada. Assim empregavam "prelo" como "aviso"; "dieta" significando "assembléia"; "compativelmente" como compatível"; "abatimento" como constrangimento".*[14]

O Prior do Convento do Carmo, no dia 21, entregou ao Governador duas cartas encontradas pela manhã daquele dia, por uma velha, na Igreja do Convento. O cotejo da letra das mesmas

[14] Braz do Amaral, in *A Conjuração Republicana de 1798*, Imprensa Nacional, 1926.

com a dos boletins provava serem uma e outra de idêntica autoria. Afastava-se, assim, a suspeita contra Domingos Lisboa, pois o mesmo encontrava-se preso desde cinco dias antes das cartas aparecerem.

As cadeias ficaram cheias de presos capturados em toda a Capitania. Após a audiência de testemunhas, contudo, apuradas foram a culpabilidade de 34 prisioneiros.

A devasse deveria ter encampado personalidades as mais evidentes da Bahia de então. Para evitar que tal acontecesse, pouca valia foi dada àquela revolução.

Affonso Ruy, sobre tal coisa, acentua o seguinte:

> *"... malgrado se terem enforcado 4 conjurados e expulsado dos domínios lusitanos mais de uma dezena de brasileiros, após a detenção de 50 habitantes da Capitania, a devassa não atingiu Silva Lisboa, que, como o Padre Agostinho Gomes, não passou pelos incômodos das intermináveis exigências da Justiça reinó".*

E põe em destaque mais:

> *"... se nela foram envolvidos e responderam por suas atividades os Tenentes Aguilar Pantoja e Antônio Gomes, o cirurgião Cipriano Barata e outros, maior número ficou, por influências poderosas e pelo dinheiro, fora de qualquer punição, e cujos nomes só anos depois a História nos revelou".*[15]

Na conjura, chefes, financiadores e orientadores maiores, é preciso que se realce, não se contactavam com o povo, pois o permanente convívio tornaria perigoso.

No inquérito, assim, apenas quatro homens confessaram a sua participação, não transigindo com a sua consciência. Foram os alfaiates Manuel Faustino dos Santos Lira e João de Deus do Nascimento; os soldados Luiz Gonzaga das Virgens e Lucas Dantas Torres. Levados foram ao patíbulo em 8 de novembro de 1798.

Voltemos a citar Affonso Ruy:

> *"Tiveram a bravura convicta dos mártires. Foram marcados pelo destino para o sacrifício. A História reivindicaria para eles o que os interesses de uma nação usurariamente lhe negavam".* [16]

[15] Affonso Ruy, in *A Primeira Revolução Socialista Brasileira*, Brasiliana, 1942, pág. 116.
[16] Affonso Ruy, in *A Primeira Revolução Socialista Brasileira*, Brasiliana, 1942, pág. 123.

Gustavo Barroso, no seu furor antimaçônico, alude a um

> *"livro manuscrito traduzido do francês para o português, com o qual tratava de desabusar os rapazes religiosos, a fim de os conspiradores adquirirem número suficiente para uma revolução".*[17]

E prossegue:

> *"esse manual maçônico, digamos a cousa sem ambagens e circunlóquios, peça essencial da acusação, não figura nos autos, desapareceu ...".* [18]

E conclui Gustavo Barroso:

> *"Os inspiradores Maçônicos da idéia nada sofreram".*

Os historiadores pouco se aprofundaram nas raízes do movimento revolucionário de 1798. Apenas Inácio Acioli, em sua *Memórias Históricas e Políticas da Província da Bahia,* Imprensa Oficial - 1031, vol. III, pág. 16, relatando os fatos, sem comentários, atribuiu-os, todavia, somente à influência revolucionária da França. Razão sobrada, nos parece ter Acioli pois, naquela época, não tínhamos *maçonaria regular* no Brasil.

Belo exemplo, contudo, - com ou sem a participação da Instituição Maçônica -, deram os baianos para que, em 1822, o Brasil viesse a se tornar independente e, um século depois daquele movimento, os escravos estivessem libertos.

*
* *

[17] Gustavo Barroso, in *História Secreta do Brasil,* Brasiliana, 2a. edição, 1937, pág. 182.

[18] Gustavo Barroso, in *História Secreta do Brasil,* Brasiliana, 2a. edição, 1937, pág. 183.